

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO-
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO
E CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

ENOS FIGUEREDO DE FREITAS

LIBRAS: ABORDAGEM TEÓRICA



Senhor do Bonfim - BA

2016

Freitas, Enos Figueredo de
F866l Libras, abordagem teórica / Enos Figueredo de Freitas. Senhor do Bonfim,
BA: IF Baiano, 2015.
35 p.; il.: color.

Módulo didático de libras

1. Língua brasileira de sinais - comunicação 2. Língua brasileira de sinais -
estudo e ensino. 3. Pessoa com necessidade específica. 4. Surdo. I. Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. II. Título.

CDU: 81'221.24(81)

Tatiane de Jesus Ribeiro
Bibliotecária-Documentalista
CRB – 5ª / 1594

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
1 CONCEITUANDO A SURDEZ	5
2 DESMISTIFICANDO A LSB (Língua de Sinais Brasileira).....	7
2.1 “Não preciso aprender linguagem de sinais, já sei falar com “mudo””	7
2.2 Todos os surdos fazem a leitura labial, já sabem ler bem em português ou usam a Língua de sinais	9
2.3 A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e de gesticulação concreta, incapaz de expressar pensamentos abstratos	11
2.4 A Língua de sinais seria universal	12
2.5 Haveria uma inferioridade da Libras em relação ao português	12
2.6 As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes	13
3 GRAMÁTICA DA LIBRAS.....	13
3.1 Configuração de Mão (CM), primeiro parâmetro fonológico	13
3.2 O Ponto de Articulação (PA) ou Locação(L).....	16
3.3 O Movimento (M)	18
3.4 A Orientação de Mão (OM) ou direção da mão.....	18
3.5 As expressões faciais e corporais (EFC) ou expressões não manuais	20
4 MORFOLOGIA.....	21
4.1 A composição	21
4.2 Flexão	22
4.3 Marcação de tempo verbal	23
5 SINTAXE	24
5.1 Os referentes	25
5.2 Organização das palavras/sinais nos períodos	29
6 SEMÂNTICA	33
6.1 Classificadores	34
7 BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS.....	34
8. O TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS/LÍNGUA PORTUGUESA.....	37
9 A LEGISLAÇÃO	38
10. MATERIAIS DE LEITURA E FORMAÇÃO COMPLEMENTAR	39
REFERÊNCIAS	40

APRESENTAÇÃO

Prezado (a) aluno (a),

Este texto-base abrange a parte teórica da disciplina curricular Libras (Língua Brasileira de Sinais). Ele apresenta tópicos importantes que contribuirão para que você entenda a importância dessa língua, tanto para os surdos como para os não surdos (ouvintes).

A nomenclatura Libras é aplicada à Língua Brasileira de Sinais, que é a segunda língua oficial do Brasil e é a língua dos surdos brasileiros. A compreensão da comunicação em Libras é capturada pela visão e a articulação dos sinais é produzido pelas mãos e expressões faciais e corporais. Também outra sigla aceita internacionalmente é LSB – Língua de Sinais Brasileira.

É necessário se informar para diminuir estigmas em torno da surdez ou da Libras. Para fornecer esclarecimentos, esse material está dividido em dez partes. Os capítulos perpassam por tópicos como a surdez; esclarecimentos sobre a Libras, bem como a gramática da mesma; a História da educação de surdos; a relevância do tradutor e intérprete de Libras e sobre a legislação.

Examinar as informações aqui disponibilizadas propiciará a ampliação do universo cultural e sociológico imbricado nessa disciplina, contribuindo para a sua formação docente. Bons estudos!

1 CONCEITUANDO A SURDEZ

Os surdos são pessoas inteligentes e que se comunicam através da língua de sinais. A sociedade em geral não tem uma visão equilibrada sobre os surdos. Alguns talvez achem até um tanto rude usar a palavra surdo. Na verdade o termo **surdo é correto** e bem recepcionado pelos surdos brasileiros.

Trazendo um pouco das construções teóricas em torno conceito sobre a surdez, existe a visão clínico-biológica e a visão linguístico-cultural. Na visão clínica, a surdez é encarada como uma deficiência do sentido da audição, que, se não for tratada, comprometerá a vocalização e a comunicação. Na visão linguística, a surdez é uma condição que permite conhecer o mundo e expressar-se enquanto sujeito autônomo, por meio das experiências visuais. Nessa ótica, o idioma utilizado pelos surdos lhes permite a completude. A diferença será na língua que os surdos e os não surdos utilizam.

Trazendo uma definição conceitual mais taxativa, o decreto brasileiro nº 5.626/05 respeita a filiação cultural e à clínica, separando as duas categorias. Nas palavras do próprio decreto, as duas classes ganharam a seguinte definição:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz (BRASIL, 2005).

No excerto acima considera-se surdo o sujeito que tem perda auditiva e interage por meio da Libras; enquanto que o deficiente auditivo não usa essa língua.

A comunidade surda brasileira tem sustentado o posicionamento de que a Língua Brasileira de Sinais (Libras), faz do sujeito surdo, um cidadão apto para se desenvolver na perspectiva social, cognitiva e afetiva.

O termo popular “mudo” não é recepcionado pela comunidade surda, pois este traz um estigma social e incorreção científica. Quando se utiliza o termo supracitado, alguns o fazem com uma conotação negativa; outros desconhecem a falta coerência científica.

Ainda é preciso esclarecer que os surdos podem utilizar a fala vocalizada, desde que receba um treinamento fonoaudiológico; portanto, ele não é “mudo”. Segundo: a mudez é uma condição gerada por traumas ou AVCs; na maioria destes casos a pessoa até ouve, mas não vocaliza. Conclui-se, portanto, que o termo surdo é mais apropriado, pois o termo “mudo” ou traz estigma ou está sendo usado de forma equivocada.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) ou ainda Língua de Sinais Brasileira (LSB), é a língua natural que os surdos do Brasil usam. Tal como a língua portuguesa, a espanhola, inglesa ou qualquer outra; a Libras é uma Língua humana natural e com características gramaticais. Também há um sistema de escrita da Libras que é o Sign Writing (SW).

Os canais de recepção e produção são respectivamente os olhos e as mãos. Na produção de frases as mãos se combinam às expressões corporais e faciais, articulando e expressando os termos em um espaço. Levando em consideração esses fatores, a Libras é definida como uma língua visual-motora, visual-espacial ou gestual-visual.

Os usuários da Libras são surdos e não-surdos (ouvintes). A LSB é uma língua que traz as experiências visuais da comunidade surda. Muitos surdos usam esta língua com naturalidade.

Os surdos, em sua maioria, são amigáveis e gostam de ensinar a Libras. Quando os interlocutores estão sinalizando eles se concentram na face e no entorno do emissor da mensagem. Cada vez mais familiares e diversos profissionais aprendem essa língua para se comunicarem, beneficiando a sociedade em geral.

Figura 1- “Aos quatro anos, Fabrizzio, que é filho de surdos, se comunica em Libras e está aprendendo Português.”



Fonte: Fernanda Brescia/G1, 2011.

2 DESMISTIFICANDO A LSB (Língua de Sinais Brasileira)

Você já viu duas pessoas se comunicando por meio da língua de sinais, no caso do nosso país por meio da Libras? Já tentou entender os sinais realizados por um intérprete na TV quando surge uma nova programação e abre-se aquela janela de tradução? Achou rápido demais? Ficou com vontade de aprender também?

Em geral a Libras é vista com muita curiosidade pela maioria das pessoas. Algumas dizem que é muito “bonito” ver as pessoas conversando em Língua de sinais; ainda outros querem aprender logo como “falar alguma coisa” (sinalizando). O grau de interesse varia. E há uma variedade ainda maior nos conceitos pré-existentes sobre essa modalidade linguística. A LSB desperta inquietações, contudo ainda se faz necessário rever alguns equívocos.

Figura 2- Conversando em Libras



Fonte: <http://bemparana.com.br>, 2009.

Figura 3- Vinheta em Libras



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YGWwXSGJxs>, 2013.

2.1 “Não preciso aprender linguagem de sinais, já sei falar com “mudo””

Em geral as pessoas conhecem alguém que é surdo e que mora próximo delas. Alguns conseguem se entender com o surdo; essa atitude é positiva. Porém qual o dano de pensar conforme o tópico acima? Vamos analisar.

Primeiro: o termo “mudo” usado de forma leiga não é adequado; **o correto é surdo.**

Segundo: muitos costumam usar o termo “linguagem de sinais”, porém o mais **adequado é de Língua de sinais.** Linguagem é um termo abrangente, genérico e abarca os sistemas de comunicação entre humanos, entre animais ou ainda sistemas artificiais como “linguagem de programação de software” e outros. A língua é uma espécie que encontra-se dentro do gênero linguagem. Somente os humanos usam a

língua como sistema padronizado de comunicação e esses padrões não restringem a criatividade ao se produzirem enunciados. Essas são características únicas da espécie humana. Portanto, prefira **língua de sinais**, assim expressa-se de forma exata e inclui esse idioma no grupo das línguas naturais humanas — e não menos que isso.

O fato de produzir enunciados com a voz ou com sinais não desqualifica uma Língua. Os idiomas podem ser divididos em duas categorias: as línguas orais e as línguas de sinais. As duas vertentes citadas são legítimas e naturais.

Terceiro: alguns talvez não saibam que **Libras é diferente de gestos comuns** usados para contatos emergenciais. Pode ser que para as necessidades comunicativas dos sujeitos que se relacionam, alguns gestos sejam satisfatórios. Em alguns casos o próprio surdo não sabe a Libras e, portanto, usa gestos inteligíveis que reportam as mensagens necessárias, constituindo assim uma linguagem primária (limitada). O problema é que essa linguagem primária não dá conta de assuntos mais complexos que só a língua de sinais — Libras — pode propiciar com plenitude. Usando a língua de sinais o sujeito consegue entender as diversas perspectivas e discursos produzidos; incluindo as abstrações e discussões metalinguísticas. Se você não aprende Libras terá dificuldade para transmitir as informações com precisão.

Quando o sujeito surdo já sabe Libras, suas necessidades cognitivas, afetivas e comunicativas tendem a ser alcançadas. Por falta de informação ou motivação algumas famílias não se dão conta de que apenas o básico não é suficiente. Muitos familiares não se empenham em aprender Libras e a comunicação superficial torna a convivência desinteressante (KELMAN; *Et al.* 2011).

Em sala de aula os bloqueios para aprendizagem também tendem a aumentar quando a comunicação é mediada por apenas alguns gestos. O quadro se reverte favoravelmente quando o pai, o irmão, o professor, o coordenador – enfim o maior número de pessoas, se interessa em aprender Libras — afinal Libras não são gestos primários, é uma língua potente. Nessas condições, o surdo, em geral, se interessa em acessar os conhecimentos e interagir.

Se você não sabe língua de sinais não precisa evitar o contato com o surdo. A medida que você o tratar com dignidade, o surdo se sentirá mais à vontade para conversar e pode ser que o mesmo te ajude a aprender mais a Libras. A maioria deles interage bem e são descontraídos.

2.2 Todos os surdos fazem a leitura labial, já sabem ler bem em português ou usam a Língua de sinais

Gostaríamos que os surdos usufríssem voluntária e prazerosamente todas essas condições citadas no tópico acima. Mas, esse patamar ainda **não** foi alcançado. A maioria dos surdos sabem a língua de sinais, e essa conquista é fundamental para alcançar outras competências! Um número pequeno lê bem em português e uma parcela ínfima consegue fazer a leitura labial.

Acontece que, quando a criança é diagnosticada com surdez, muitos pais decidem que a mesma precisa falar, não importando se este será um processo complicado ou não, para o ente. A maioria dos fonoaudiólogos, com algumas exceções; recomendam a linguagem oral sem uso de gestos ou sinais.

O treinamento oral é uma opção para a comunicação. Aprender Libras também faz parte do direito de escolha linguística. Ocorre que, em muitos casos, não é a melhor opção para a criança que influencia na decisão. Para muitos pais, vizinhos e professores, conseguir falar ou fazer a leitura labial parece o que seria a única opção para a conquista da normalidade. Alguns surdos também podem ter esse pré-conceito visto que a maioria em sua volta usam a língua oral. Por outro, é comum o desconhecimento e até desmerecimento da naturalidade e potencialidade linguística da Libras. Não raro, a Libras é marginalizada e a criança com surdez fica no meio do caminho sem conseguir avanços na oralidade e sem qualquer língua de referência.

É verdade que **pouquíssimos** surdos obtêm medidas variadas de habilidade oral. Porém quais são as expectativas exacerbadas em torno da linguagem oral? Uma fonoaudióloga responde em Santana,(2007, p.133):

O aparelho parece, assim, que é a peça fundamental pro desempenho na escola.[...] Elas (as mães) tem muito interesse em saber em saber como seria uma técnica pras crianças fazerem leitura labial e emissão oral, isso elas tem interesse. Quando elas vem pra cá e a gente explica que a coisa não é bem assim, que seria interessante elas aprenderem o sinal, você vê uma certa desmotivação por parte delas. E mesmo quando eu ... oriento como seria melhor elas acham que tem que ser uma coisa rápida.

É evidente que muitos pais, e até mesmo alguns surdos oralizados, têm a concepção de que a língua oral é o meio único e ideal para acesso à informação. O treinamento oral e a estimulação auditiva não são as únicas alternativas e nem sempre são eficazes. Pesquisas revelaram que mesmo com investimentos o método oralista

alcançou entre 10 e 25% de níveis básicos de leitura e de escrita entre estudantes surdos que seguiram essa modelo. (CAPOVILLA, 2000).

Em poucos casos os surdos conseguem fazer leitura labial e conversar usando a voz. Mas, todos sabem que esse processo exige muito do surdo, e que em muitos casos o treino oral não propiciou fluência. Na maioria das vezes, as conquistas são tão insuficientes que o surdo não aprende nem a língua portuguesa e nem a língua de sinais.

Outro desdobramento, é que, mesmo quando se consegue usar a língua oral, a sociedade estranha a fala do surdo, por causa dos “erros” ao usá-la (SANTANA, 2007). Essa cobrança por um nível de proficiência oral demanda tempo e nem sempre traz o retorno esperado – principalmente para o optante por essa modalidade.

Coincidentemente, muitos professores concluem que, se seu aluno, copia “tudo direitinho”, ele já sabe ler e entender os conteúdos. Outra situação que contribui para enganos é que a pessoa surda consegue falar algumas palavras, e aí as pessoas acham que ela compreende satisfatoriamente a comunicação oral. No caso da escrita, o surdo pode estar copiando mecanicamente. O que acontece é que, por imaginar que copiando tudo, ele está entendendo, muitos profissionais não usam outras estratégias de ensino, e o surdo acaba não apreendendo o conteúdo. No caso da oralidade, por imaginar que a pessoa ao falar algumas palavras está compreendendo tudo, não se busca outras estratégias didáticas e comunicacionais para ampliar a aprendizagem.

Vale ressaltar que a via fonológica não garante a aprendizagem da leitura e da escrita. Há muitos ouvintes que falam português, mas não conseguem ler e escrever. O domínio da leitura e da escrita não é conseguido unicamente pelo domínio da modalidade oral. Aprender o significado de um termo e seus usos pode acontecer também por outros mecanismos tais como a exploração da rota gráfico-visual (ALPENDRE E AZEVEDO, 2008).

Se houver uma metodologia visual e instrumental voltada a ensinar a língua portuguesa aos surdos, estes poderão compreender a parte escrita - e se desejarem também a parte oral. Porém, muitos surdos não são favoráveis a esta última forma mencionada.

Infelizmente, na região do Piemonte Norte do Itapicurú, ocorre que alguns surdos não têm contato com outros surdos que sabem a LSB. Por ficarem afastados daqueles que usam a Língua de sinais estes não a reconhecem, mesmo que a vejam na televisão. É no contato com surdos que eles se apropriam da Língua. Essa

aquisição do idioma, também pode vir pelo contato com instrutores de Libras proficientes. Em outros casos, pessoas que saibam a língua, em alguns casos ligadas à instituições religiosas, como Testemunhas de Jeová ou Batistas, ensinam a Libras aos surdos (FREITAS, 2014); (LACERDA; 2012, p. 269) .

Cabe pontuar que **dominar a Libras, a compreensão e a escrita** da língua portuguesa são condições desejáveis para os surdos alcançarem – porém, conseguir avançar depende de oportunidades adequadas. A Libras tem proporcionado um ganho linguístico e intelectual para muitos surdos e por meio dessa língua eles podem desenvolver plenamente outras potencialidades (SACKS, 2010).

2.3 A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e de gesticulação concreta, incapaz de expressar pensamentos abstratos

Não é verdade que a Libras se limita ao concreto. “Pode-se discutir política, economia, matemática, física, psicologia”, religião, teorias científicas, relações de poder, funções metalinguísticas, didática, humor e outras infinitudes. Cada língua de sinais tem sua arbitrariedade e por isso elas não se limitam ao icônico (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Podemos inferir que, ao passo que a iconicidade existe e torna a compreensão do sinal mais fácil, a arbitrariedade não tem “semelhança visual” com o referente (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Veja a diferença entre um sinal icônico, que remete a forma concreta; e um sinal arbitrário, que não tem relação com formatos concretos e são convencionados pela comunidade; nas figuras a seguir.

Figura 5 –CASA (ICÔNICO)



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Figura 6 - PEDAGOGIA (ARBITRÁRIO)



Fonte: Acervo do autor, 2015.

2.4 A Língua de sinais seria universal

Assim como ocorre uma grande variedade nas línguas orais, as línguas de sinais também são diversas em redor do mundo. Por isso existe a LSB ou Libras aqui no Brasil, a ASL nos Estados Unidos, LSE na Espanha e outras. Existem mais de 170 línguas de sinais catalogadas (ALFABETO SURDO.COM, 2013).

As variações linguísticas ocorrem nos idiomas. Sim, até mesmo dentro de um mesmo território, ocorre variação linguística, por exemplo existe algumas variações vocabulares dos habitantes da região Norte, Nordeste e Sudeste do Brasil. Essa variação não prejudica a comunicação. A variação também ocorre em Libras, não prejudica a comunicação, apenas demanda algum esclarecimento sobre o significado da variante.

2.5 Haveria uma inferioridade da Libras em relação ao português

Quando estudamos outro idioma sempre buscamos fazer referência ao nosso idioma materno. Nessa fase, na produção oral ou escrita acabamos misturando a estrutura da nossa primeira língua com a língua alvo. Alguns concluem que uma língua tem coisas que outra não tem. Isso não necessariamente é ruim. O problema é quando começa a se achar que um determinado idioma é superior ou inferior a outro. Não é produtivo achar superioridade entre português e espanhol. O mesmo se dá com Libras e português.

Algumas pessoas pensam que a estrutura gramatical de construção da Libras é a mesma do português. Pensam que cada elemento da Língua portuguesa tem ou deveria ter, um correspondente exato em Libras. Cada Língua seleciona as suas regras e elementos de construção. Quadros e Karnopp (2004, p. 35) destacam que: “A alegação de empobrecimento lexical nas línguas de sinais surgiu a partir de uma situação de intolerância em relação aos sinais na sociedade, em especial na educação.” Portanto, é preciso verificar se o pensamento focado no tópico advém de estigma, caso o seja, é necessária uma mudança de atitude; pois estereótipos não são justos e desencadeiam males sociais.

2.6 As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes

Desde muito tempo filósofos e outros intelectuais e até mesmo a Igreja postulavam que a humanidade se confirmava pelo uso da “fala”. Portanto os gestos eram vistos como algo inferior. Depois das proibições ao uso das Línguas de sinais esse equívoco perdurou. A Libras é natural sim, mas não derivou de uma língua oral.

Até aqui abordou-se assuntos relevantes. Para uma leitura mais ampla sugere-se o livro: **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais**, da autora Audrei Gesser.

3 GRAMÁTICA DA LIBRAS

As Línguas naturais quando estudadas pela linguística são analisadas do ponto de vista estrutural: a fonética, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática. A Libras contém esses componentes linguísticos.

Sabemos que “as palavras são formadas a partir de morfemas, os quais se originam da combinação de fonemas” (RODRIGUES E VALENTE, 2010, p.54). Sendo os fonemas visuais os componentes das palavras/sinais em Libras, examinaremos na esfera da **fonologia**, seus cinco parâmetros. Ainda estudando a gramática, explora-se nesse material a **morfologia**, a **sintaxe**, a **semântica** e a **pragmática**.

3.1 Configuração de Mão (CM), primeiro parâmetro fonológico

A forma que a mão assume, inicialmente, para realizar o sinal, é denominada Configuração de Mão. Esse parâmetro recebe a sigla CM. Até o momento foram catalogadas 64 CMs conforme Felipe (2001). A seguir representadas:

Figura 12 – Configurações de mão



Fonte: <<http://charles-libras.blogspot.com.br/2014/10/configuracoes-de-mao.html>>, 2014.

Para realizarmos um sinal precisamos primeiro de uma configuração de mão – na maioria dos casos. Veja a configuração de mão e o sinal para casa a seguir.

Figura 13- Configuração de mão 62



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Figura 14- CASA



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Na composição da palavra casa usa-se duas configurações de mão iguais. Esse é um elemento fonológico que aliado a outros elementos forma o sinal.

Pode-se também realizar o sinal com uma mão enquanto a outra fica parada. Na literatura, essa situação é definida como mão ativa e passiva. No exemplo a seguir a mão configurada em “n” é ativa e a mão aberta é passiva.

Figura 15- NOTA



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Ainda é possível usar as duas mãos com a mesma configuração, formando um sinal. Nesse caso, as duas mãos são ativas. E o movimento utilizado embora síncrono, dirige-se do centro para a lateral.

Figura 16- COMPUTADOR



Fonte: Acervo do autor, 2015.

3.2 O Ponto de Articulação (PA) ou Locação(L).

Percebe-se na produção em Libras outro parâmetro fonológico, é o local onde o sinal é realizado. Os pontos de articulação ou locação são divididos em quatro áreas principais: cabeça, tronco e mão e espaço neutro.

Segue-se exemplos de sinais articulados no **espaço neutro**.

Figura 17 - PROFESSOR



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Figura 18- ENSINAR



Fonte: Acervo do autor, 2015.

A seguir visualize os sinais realizados (com a locação ou ponto de articulação) **na cabeça**, respectivamente na região do queixo e bochecha.

Figura 19 -HOMEM



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Figura 20 -MULHER



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Sinais realizados (com a locação ou ponto de articulação) **no tronco**.

Figura 21–PORTUGUÊS (Toráx)



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Figura 22– ALUNO (No antebraço)



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Sinais realizados (com a locação ou ponto de articulação) **na mão**:

Figura 23 - MATEMÁTICA



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Figura 24 – ESTUDAR



Fonte: Acervo do autor, 2016

Até aqui já é possível entender as Configurações de Mão e as Locações ou Pontos de Articulação. Agora você precisa entender o próximo parâmetro fonológico da LSB.

3.3 O Movimento (M)

O movimento é também parte fonológica importante para a composição de um sinal ou morfema, linguisticamente falando. Sim, unindo esses três fatores podemos formar um signo em Libras.

Os movimentos podem ser sinuosos, lineares, circulares, semicirculares. Podem ser realizados unidirecionalmente, bidirecionalmente ou multidirecionalmente. (RODRIGUES E VALENTE, 2011).

Figura 25 - LIBRAS

(Movimento circular)



Figura 26 -CURSO

(Movimento retilíneo)



Figura 27- CIÊNCIAS

(Movimento sinuoso)



Fonte: Acervo do autor, 2015. Fonte: Acervo do autor, 2015. Fonte: Acervo do autor, 2015

3.4 A Orientação de Mão (OM) ou direção da mão

Outro padrão fonológico é a Orientação de Mão (OM). É interessante que cada sinal em que se usa a configuração de mão, esta será direcionada pela orientação da mão. Ou seja, para o sinal realizado com as mãos essas podem se comportar em um padrão vertical ou horizontal, para o receptor da mensagem ou voltado para o próprio interlocutor. No exemplo com o verbo ajudar é possível perceber a mudança de significado por causa da orientação de mão.

Libras: abordagem teórica.

Figura 28 - TE AJUDAR



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Figura 29 - ME AJUDAR



Fonte: Acervo do autor, 2015.

A orientação da mão pode dar-se de seis modos; três na vertical e três na horizontal, conforme exemplificado na figura a seguir.

Figura 30 – 30 A,B e C; direção da mão na vertical, e 30 D,E,F ; direção da mão na horizontal.



Fonte: Acervo do autor, 2012.

Além da orientação de mão temos outro parâmetro muito significativo na LSB, esse é conhecido como Expressões Faciais e Corporais, ainda outros preferem chamá-lo de expressões não manuais.

3.5 As expressões faciais e corporais (EFC) ou expressões não manuais

Normalmente estranhamos quando uma pessoa não modula a entonação da voz. Estranhamos quando expressa-se num ritmo que não varia, parece que dispara numa “nota só”. As expressões faciais e corporais, fazem parte da modulação da entonação do discurso em Libras, definindo o aspecto e intensidade. Quando o sujeito fala em Libras (ou seja, sinaliza), sem usar expressões faciais e /ou corporais adequadas, então a sensação é de que se está transmitindo algo em uma “nota só”. Além do mais, pela expressões faciais ou corporais, se percebe afirmação, negação ou interrogação, neste caso elas fazem parte da gramática.

É possível perceber algumas expressões faciais e corporais nos vídeos apresentados pelo professor, bem como também aqui no texto, logo a seguir.

Figura 31 – Afirmando
(PODE!)



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Figura 32- Negando
(NÃO TENHO)



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Figura 33 - Interrogando
(O QUE?)



Fonte: acervo do autor, 2015.

Figura 34 - COMO?



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Figura 35 - POR QUÊ?



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Assim como a diversidade de notas ou entonações de maneira adequada tornam a conversação agradável; assim as expressões faciais e corporais são parte integrante e dão modulação, prosódia, ao discurso em LSB.

4 MORFOLOGIA

A morfologia estuda a formação das palavras ou as unidades menores que tem significado (os morfemas) que se combinam para formar outros signos. A morfologia também investiga os morfemas que dão flexibilidade as palavras para o tempo verbal, gênero, pessoa, prefixo, sufixo etc. Por exemplo, no signo pedreiro. Podemos identificar pedr- como vindo de pedra e eir- como aquele que faz algo e a letra -o indica o gênero. Esses pedaços menores das palavras são os morfemas, eles carregam significado.

Uma palavra pode formar-se pelo fenômeno da derivação exemplo: pedra é o substantivo primário, enquanto que pedreiro é uma derivação. Outro fenômeno morfológico é o da composição, podemos tomar como exemplo a composição em português do signo guarda-roupa.

Esse estudo morfológico também pode ser aplicado às palavras sinalizadas. Veremos dois aspectos morfológicos em Libras.

4.1 A composição

A estratégia de juntar vocábulos para significar um conceito também ocorre em Libras. A composição envolve juntar duas ou mais palavras para definição de algo. Observe os exemplos seguintes.

Figura 36 –PAI



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Figura 37 - MÃE



Fonte: Acervo do autor, 2015.

4.2 Flexão

Este é outro fenômeno morfológico e existem várias especificidades dentro desse grupo. Em Libras a flexão é incorporada em alguns vocábulos, pluralizando o mesmo. Veja o exemplo de incorporação flexional.

Figura 38 – MÊS (no singular)



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Figura 39 – MESES (no plural)



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Visualize, a seguir, a flexão do verbo para concordar com o sujeito/ referente. O sinal irá distinguir entre um, dois, três ou mais referentes. Observe os exemplos.

Figura 40 – ENTREGAR A 1



Fonte: Acervo do autor.

Figura 41 - ENTREGAR PARA 2



Fonte: Acervo do autor.

Figura 42- ENTREGAR PARA 3



Fonte: Acervo do autor, 2015.

A morfologia é uma área estrutural da língua que oferece muitos elementos para estudo. Até aqui pôde-se entender mais sobre o fenômeno da composição e da flexão.

4.3 Marcação de tempo verbal

Se você está se questionando sobre a flexão temporal, bem na verdade a Libras tem uma maneira bem econômica de marcar o tempo. No início da enunciação marca-se o tempo, faz-se o sinal indicando se se trata do passado, de acontecimento recente, o tempo presente ou o futuro.

a) Tempo passado

Figura 43 – Frase no tempo passado



Fonte: Acervo do autor, 2015.

b) Tempo presente

Libras: abordagem teórica.

Figura 44 – Frase no tempo presente



Fonte: Acervo do autor, 2015.

c) Tempo futuro

Figura 45 – Frase no tempo futuro



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Observando as frases a), b) e c) pode-se perceber que elas começam com a marca de tempo. Esse fator é que determina o tempo verbal.

5 SINTAXE

Quanto à sintaxe, esta é a área que investiga como as palavras se organizam para formar as sentenças. Digno de nota é que os utentes de um idioma sempre conseguirão identificar formações de frases com sentido e outras desorganizadas que seriam consideradas agramaticais. Portanto a sintaxe se ocupa de analisar “ as restrições que determinam a ordem das palavras na sentença” (QUADROS E Libras: abordagem teórica.

KARNOPP, 2004, p. 21). As línguas de sinais, segundo as pesquisas atuais, mostram que ela organiza as sentenças na ordem SVO- Sujeito- Verbo- Objeto. Mas também é muito comum, por causa da concordância espacial, as ordens OSV. O espaço é uma especificidade, está à frente do sinalizador da altura da cintura até pouco acima da cabeça. É no espaço que a visualidade da Libras se corporifica ao articular os signos verbalizados pelo sinalizante de modo a permitir sequência e interrelações com lógica. É no espaço que se demarca o que cada ente fala ou faz, com quem, para quem e de que modo, ou seja relações de reciprocidade discursiva. (QUADROS, 1997).

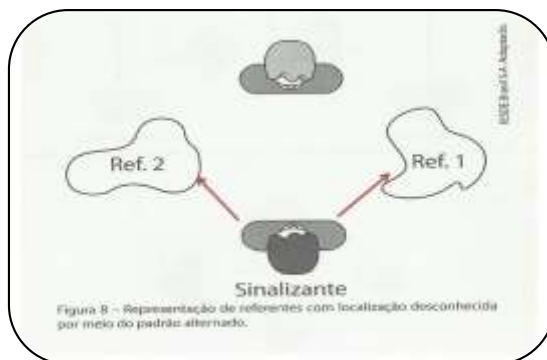
Em diversos momentos o espaço vai demandar mecanismos que assegurem clareza das informações no discurso que se utiliza de personagens/referentes que poderão ser designados como agentes/sujeitos, pacientes/objetos ou complementos e suas ações mais comumente designadas como verbos.

5.1 Os referentes

Os referentes, nessa parte dedicada a organização dos termos que expressamos nas frases, são aquelas palavras que constituem os agentes ou pacientes ou interlocutores de um momento de conversação. Na comunicação em Libras quando os participantes de uma conversa estão presentes no local e no momento da conversação então fica fácil identificar a quem o discurso se dirige, com a apontação e a interação, fica evidente para quem estão sendo dirigidas as “falas” ou interlocuções.

O que acaba sendo mais desafiador para quem está aprendendo Libras como Segunda língua ou língua adicional é quando os referentes não estão fisicamente presentes. Ao visualizar a situação na Figura 46, tentaremos esclarecer as formas de expressar adequadamente quando surgir a necessidade de dar voz aos referentes ausentes/invisíveis.

Figura 46 – Referentes



Fonte: IESDE BRASIL S.A.,2011.

Os referentes 1 e 2 da Figura 46 estão ausentes, então a depender do contexto, o sinalizante usará a apontação para indicar para quem ou de quem está falando. Apontar um local vazio para marcar os artigos “o”, “a”, “os”, “as”; não é comum para falantes das línguas orais, eles apenas vocalizam esses termos; todavia na comunicação em Libras é preciso apontar para um ponto que fixa o referente “o”, “a”, “ele”, “ela” ... entre outros.

Ampliando mais ainda a forma de falar sobre essa dinâmica, na hora de se expressar em Libras, quando o personagem ou referente está ausente, o recurso verbal da apontação ostensiva, dêixis, pode para marcar o lugar ou indicar que vai se mencionar algum referente - indicador catafórico. Ainda outra função dêitica, é o apontar indicando retomada/recuperação de um ente já mencionado antes, nessa situação a apontação terá função anafórica. Sendo assim, o apontar, seja à esquerda, à direita ou ao centro é um mecanismo de organização do lugar de fala/sinalização dos entes de um discurso (RODRIGUES, 2011). Analise um exemplo, na frase a seguir, demonstrando a forma de marcar os personagens/referentes mediante a apontação.

Figura 47 – Frase em Libras na qual os referentes são marcados pela apontação em “o professor” à esquerda e “o aluno” à direita.



Fonte: Acervo do autor, 2020.

Observando a Figura 47, depreende-se que a apontação vertida como artigo “o” professor, coloca esse referente à esquerda. E quanto ao outro referente “o” aluno é alocado à direita. Essa marcação é importante para a interação verbal possa ocorrer de forma harmônica, sendo que no momento das expressões verbais elas possam concordar/conjugar com o espaço e o referente. Portanto, depreendemos que a conjugação pode ser direcional por estar relacionada a uma questão de direcionar-se espacialmente ao referente. Mais, além da apontação, pode-se utilizar outra maneira de definir o espaço de enunciação dos interlocutores.

Outro recurso linguístico utilizado para organizar os personagens/referentes nas frases é a incorporação para fazer o discurso direto. Em outras palavras, o sinalizante faz a fala de narrador e “incorpora” as falas dos personagens/referentes que não estão presentes fisicamente no momento da enunciação. Na prática o emissor/sinalizante poderá movimentar o corpo um pouco para o lado do local que foi marcado no discurso como se estivesse falando com a pessoa/referente ou como se fizesse a fala do outro referente/personagem que está na situação representada. Essa

Libras: abordagem teórica.

dinâmica de “virar/inclinar um pouco para o lado” para fazer a fala/sinalização do outro referente que está ausente/invisível, é denominada “incorporação” e é uma das formas de marcar os referentes no discurso e no espaço de sinalização. Na sequência é possível visualizar a “incorporação” do referente para fazer o discurso direto dele, ainda que o personagem não esteja fisicamente presente no momento da enunciação.

Figura 48 – Frase na qual o enunciador “incorpora” o referente inclinando o corpo e verbalizando o discurso direto: - obrigado!



Fonte: Acervo do autor, 2020.

Observando a Figura 51, é possível perceber que nas expressões “disse obrigado” que o narrador inclina-se para o lado e, nesse momento, o verbo concorda direcionalmente com a paciente/objeto representada pelo pronome “ela” que foi demarcada à esquerda (ressaltada pelo símbolos que aqui indicam a direção >>>). E em seguida incorpora o referente ele ao continuar inclinado para o lado e dizer - Obrigado!.

De início essas formas de indicar os referentes no espaço podem parecer desafiadoras para quem está iniciando o aprendizado, mas com atenção e o tempo de conversação com surdos e ouvintes fluentes em Libras você gradualmente adquirirá essa habilidade importante.

5.2 Organização das palavras/sinais nos períodos

A experiência comunicacional revela que 4 condicionantes podem alterar a estrutura da ordem direta e modificar a posição do objeto/complemento para o início da oração favorecendo a estrutura Objeto-Sujeito-verbo. Essa alteração geralmente está mais inclinada a relação com o espaço da situação enunciada, sendo que a categoria espacial é um elemento das línguas de sinais essencial na articulação verbal de muitas sentenças.

A fim de articular uma boa formação de frases é preciso observar as condicionantes a seguir:

Quadro 1 – Condicionantes sintáticas que influenciam a ordem dos termos nas orações:

- 1) Se na relação espacial da oração a ser expressa exige-se que o verbo assuma concordância direcional ou conjugação entre o referente/ente e o espaço. Além disso, quando houver dois personagens na enunciação, o referente/paciente que pode ser referido como objeto, recebe do referente/agente, - também denominado sujeito-, a ação;
- 2) Que os pronomes interrogativos e as negações são alocados no final da frase;
- 3) Que o tempo/local precisam ser expressados logo no início da sentença;
- 4) Habitualmente, ao emitir orações relacionadas a si mesmo, o pronome/sujeito “eu” muitas vezes fica elíptico (omitido).

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Para ter uma visão de exemplos práticos das formações das frases, veremos as afirmativas, negativas e interrogativas em LSB.

Segue um exemplo de frase declarativa na forma declarativa **afirmativa**. De acordo com a condição 1 descrita anteriormente, a paciente/objeto ela, recebe do agente/sujeito ele, uma ação: o agradecimento.

Figura 49 – Frase com Objeto, Sujeito e verbo se articulando.



Fonte: Acervo do autor, 2020.

Em seguida disponibiliza-se, para facilitar a compreensão, um exemplo de frase declarativa na forma **negativa**.

Figura 50– Frase: Português estudar não quero (OSV).



Fonte: Acervo do autor, 2015.

A seguir, um exemplo de frase, na forma **interrogativa**.

Figura 51 – Atividade responder como? (OSV)



Fonte: Acervo do autor, 2015.

E de acordo com a condicionante 3, veja uma frase na qual o tempo e o local são expressos logo no início da sentença.

Figura 52 – Ontem à escola fui (OSV).



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Por fim, a 4 condicionante é demonstrada na frase a seguir.

Figura 53 -Prova [eu] respondi, passei (OSV).



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Até aqui foi possível perceber como os referentes/entes de um contexto são definidos verbalmente em Libras. Também foram dados exemplos que ilustram os recursos linguísticos como mecanismos de referência, usados no discurso. Entender como esses termos funcionam, contribuirá para a compreensão e expressão das orações ao se comunicar em Libras.

Encerrada a parte das estruturas sintáticas, veremos o nível estrutural da semântica.

6 SEMÂNTICA

Passando para a área da semântica percebemos que ela estuda o “significado da palavra e da sentença” (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 21). Podemos usar uma palavra com sentido denotativo (sentido real) ou podemos usá-la com sentido conotativo (que contém um significado diferente do habitual atribuído àquela expressão). Sendo a semântica, portanto, o campo de estudo que analisa os significados, ela revela elementos de fácil assimilação. Envolve sinônimos e antônimos, polissemias, homônimos.

Em geral o sinal usado em caso de sinônimos são diferenciados pela expressão facial ou pelo contexto. Compare, a seguir, os sinônimos, diferenciados ou pelo contexto ou pelas expressões faciais (intensificadores):

Figura 54 - GORDO



Fonte: Acervo do autor, 2012.

Figura 55 - OBESO



Fonte: Acervo do autor, 2012.

Agora trazendo um exemplo de homônimo, pode ser visualizado nas fotos com as palavras laranja e sábado.

Figura 52 - LARANJA



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Figura 53 - SÁBADO



Fonte: Acervo do autor, 2015.

6.1 Classificadores

A particularidade linguística dos classificadores atribui-se aos sinais que descrevem pessoas ou objetos de acordo com sua forma, tamanho, movimento, número e até em com concordância verbal (de acordo com a performance que está sendo expressa no espaço ou na interação dos entes do discurso). Na conversação com os surdos e ouvintes fluentes em Libras você perceberá e passará a usar esses recursos linguísticos.

Observe alguns exemplos de classificadores a seguir.

Figura 56 – Classificador Para pessoas na fila



Fonte: Acervo do autor, 2015

Figura 57 – Classificador Pessoa desfilando.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Figura 58 – Pessoa subindo na árvore.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Esperamos que até aqui, prezado acadêmico, você tenha conseguido visualizar a estrutura da Libras e que tenha entendido os conceitos corretos sobre os surdos que os ajudarão interagir e ter uma prática pedagógica mais adequada. Lembre-se que teremos aulas práticas que o permitirão iniciar a comunicação em Libras.

7 BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Outra perspectiva importante a ser conhecida, é a histórica. Uma das primeiras menções ao surdo encontra-se no texto sagrado dos cristãos, a Bíblia. Em Levítico 19:6 há uma ordem específica para preservar a dignidade do surdo. Em algumas culturas os surdos eram vistos como seres com poderes divinos e em outras eles eram eliminados.

Desde Girolamo Cardano (1501-1576) “rompeu-[se] com a visão de que os surdos eram incapazes de aprender” (Silva 2006, pg.16 *in*. Estudos Surdos I). Defendia-se que a fala não era o único meio de educar os surdos, esse processo poderia ser feito por meio da escrita. Com Pedro Ponce de Léon, famílias aristocráticas começaram a educar seus filhos surdos.

Mais adiante em 1750, na **França**, o abade Charles Michael L'Épée, começou a promover a educação de surdos de maneira pública e respeitando a língua de sinais. Ao conseguir êxito em ensinar os idiomas francês e latim escrito, bem como profissionalizar os surdos, o seu método gestual fez com que os surdos florescerem como cidadãos autônomos e reconhecidos pela sociedade.

Nos Estados Unidos, em 1817 Laurent Clerc, professor surdo francês, junto com Thomas Gallaudet fundaram o Asilo para Surdos de Hartford. “O êxito imediato e espetacular do Asilo Hartford levou a abertura de novas escolas por toda parte ... onde havia um número suficiente de alunos surdos” (SACKS 1990, p. 31). Em 1857, o Brasil, com a liderança do professor surdo francês Hernest Huet, também começou a organizar a educação de surdos, privilegiando o sistema de ensino gestual. Até hoje encontra-se preservado o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, fundado à época com outro nome.

Porém, em 1880 em **Milão** foi realizado um congresso, onde uma maioria ouvinte, decidiu que a educação de surdos nos espaços institucionais do mundo, seria feita pelo método oral. Essa imposição, apoiada por interesses científicos, capitais e políticos da época, trouxe muitos prejuízos aos surdos. A proibição das Línguas de sinais, prejudicou a vida cognitiva e social dos surdos até 1970 e 1980. Praticamente 100 anos de atraso para a comunidade surda internacional.

Foi a partir dos trabalhos de Stokoe, linguista norte-americano, que em 1960 ficou provado que a língua de sinais era uma língua com os mesmos parâmetros das línguas orais. Essa descoberta começou a despertar a comunidade acadêmica, para pesquisas e revisões sobre o do método de ensino oral. Também contribuiu para o respeito a ser dado aos idiomas sinalizados – o de línguas naturais humanas.

Com evidência mais do que suficiente de que abordagem oralista não obteve resultados expressivos, com as lutas dos surdos as perspectivas começaram a mudar. Aqui no **Brasil** a história moderna da Libras começa a mudar com as pesquisas de Lucinda Ferreira Brito na década de 1980. Na mesma década, a Federação Nacional dos Surdos se ramificou em vários estados do país lutando por Libras: abordagem teórica.

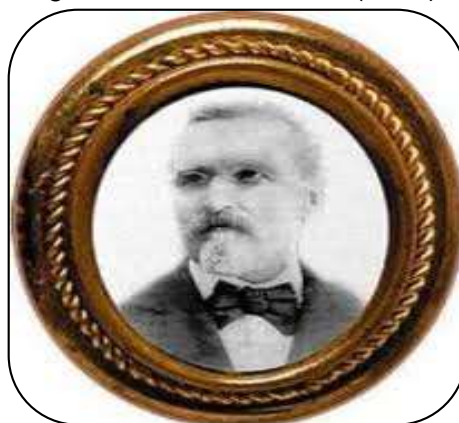
direitos linguísticos e sociais. No campo educacional, Depois de experimentarem uma fase mais flexível com a comunicação total, os surdos querem um sistema de **ensino bilíngue**, que eles defendem como ideal. A partir de 2006 o curso de graduação Letras-Libras, ministrado pela UFSC, tem formado vários professores de Libras, surdos e não-surdos. E na Educação Básica tem havido um ingresso maior de estudantes surdos.

Nos EUA, a Universidade Gallaudet tem se destacado como marca de empoderamento dos surdos daquele país.

Figura 59 - L'Épée 1712 -1789 educador de surdos



Figura 60 – Hernest Huet (1857) chega ao Brasil



Fonte: <<http://sospedagogia-andrea.blogspot.com.br>>, 2015.
 Fonte: <<http://smecidreira.blogspot.com.br>>, 2015.

Figura 62 - Willian Stokoe , 1960



Fonte: <<http://it.wikipedia.org>> , 2015.

Figura 63 - UFSC- Letras-Libras



Fonte: <<http://www.ifgoias.edu.br>> 2015.

8. O TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS/LÍNGUA PORTUGUESA

Os surdos convivem em dois universos culturais e linguístico, se comunicam e interagem com seu pares em Libras e acessa espaços familiares, sociais e educacionais com os ouvintes que falam o português. O trânsito entre culturas demanda em maior ou menor grau a interpretação e a tradução.

A interpretação ocorre, habitualmente, de forma simultânea – praticamente ao mesmo tempo. A tradução acontece quando o intérprete capta a mensagem em Libras e verte para o português oral e/ou ao contrário – interpretando da Libras para o português oral. Já a tradução envolve um processo de registro por escrito de uma língua fonte para a língua alvo. É possível escrever em português o que foi expressado em Libras.

É cada vez mais comum encontrar nas escolas os profissionais Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais e Língua Portuguesa – TILSP. Esses técnicos educacionais desempenham uma atividade relevante na mediação educacional entre professores e alunos nos contextos pedagógicos. A função deles é fazer com que a mensagem seja compreendida pelos interlocutores. É um trabalho valiosíssimo, pois são muitas as situações em que se necessita da interpretação ou da tradução.

O fato de precisar de um mediador para se comunicar acaba sendo uma experiência nova para muitos docentes, que usualmente acabam confundindo as funções de regente e do intérprete. O que pode ajudar é a antecipação das informações ou seja antes da aula acontecer reservar alguns momentos para que o professor explique ao intérprete um pouco do conteúdo que trabalhará. Essa antecipação pode gerar uma boa aproximação e o processo tradutório ficará ainda melhor. Além disso, é preciso que o professor pense no tradutor como um parceiro profissional para o êxito na mediação.

Essa visão contribuirá para que antes das aulas hajam conversas nas quais o professor situa o intérprete sobre os conteúdos e atividades que serão propostos. Adicionalmente, o professor pode ler as avaliações e o intérprete fazer a interpretação. Em contrapartida o intérprete pode sugerir mecanismos visuais que melhorarão a exposição da aula – no caso do professor solicitar sugestões. Dessa forma o trabalho fica mais fácil para o regente e para o intermediador da comunicação. No final das contas, o discente terá uma aula e uma interpretação de qualidade. Conforme Lacerda, Santos e Caetano (2013, p.196) destacam que a parceria entre professores Libras: abordagem teórica.

e intérpretes de língua de sinais, leva a “desenvolver práticas que beneficiam o aprendizado do aluno.”

Quanto ao ensino de Libras para a comunidade escolar, essa não é atribuição do intérprete, mas pode ser viabilizada junto a coordenação tanto pelo instrutor de Libras como pelo professor de Libras – tendo em vista que a Libras ainda não é um componente obrigatório, mas optativo, na educação básica.

9 A LEGISLAÇÃO

Os surdos e alguns educadores não surdos empreenderam esforços nacionais e internacionais para que se conseguisse efetivar políticas pedagógicas que contemplassem a sua especificidade linguística e cultural dessa minoria. Esse ainda é um processo em construção. A seara legal também têm se expandido e contribuído para legitimar alguns direitos.

Por exemplo, a Lei 10.098 (Lei de Acessibilidade), foi um marco social importante no intuito de promover o acesso a informação, incentivando a remoção das barreiras na comunicação.

Em 2002 aqui no Brasil os surdos conseguiram uma grande vitória: sua língua foi reconhecida oficialmente. Sim, “a Lei de Libras” foi aprovada. Sob o número 10.436 o instrumento reconhece a Libras como um sistema linguístico dos surdos brasileiros.

Em 2005, o Decreto 5.626 regulamentou a Lei anterior e determinou como as instituições educacionais, de saúde e laborais devem difundir a Libras nos meios institucionais. Também favorece às escolas bilíngues nas séries iniciais do fundamental. Inclui também a Libras como componente curricular nos cursos de licenciatura.

As conquistas legais não pararam por aí. Em 2010 a recomendação 001 de 15 de julho do CONADE referente a acessibilidade dos surdos em concursos públicos, propõe mais equidade no processo avaliativo e esclarece como fazê-lo. Quanto aos Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais e Língua Portuguesa (TILSP) foram reconhecidos pela Lei 12.319 no ano de 2010. Contudo, debates de classe que exigem formação em curso superior tem colocado essa norma em revisão.

Outra edição legal recente é a lei de inclusão nº 13.146 de 6 de julho de 2015. Sobre o direito à educação o posicionamento é que deve haver igualdade oportunidades e assegura-se a educação bilíngue para os surdos.

Libras: abordagem teórica.

Os surdos e profissionais ouvintes estão cada vez mais fortalecendo a comunidade surda. É preciso que as famílias, os profissionais da educação, entre outros ramos da sociedade, entendem a diferença idiomática e respeitem a alteridade desse grupo. Com informação e esforços bem direcionados os direitos tendem a ser usufruídos e perspectivas mais equitativas são conquistadas.

Espera-se que as temáticas aqui abordadas, contribuam para um posicionamento mais esclarecido sobre os surdos e a relevância da sua língua e como o professor pode se aproximar desse público para se comunicar, educar e fortalecer os processos socioeducacionais.

10. MATERIAIS DE LEITURA E FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

Para consultar mais informações sobre adaptações curriculares poderá consultar o texto: **Estratégias pedagógicas e comunicacionais para professores de estudantes surdos do ensino médio**. Esse texto está disponível no capítulo 5 do livro Educação no Século XXI, disponível em:

< https://www.poisson.com.br/livros/educacao/volume49/Educacao_no_seculoXXI_vol_49.pdf >.

Para uma videoaula introdutória delineando alguns **aspectos da surdez** para os cursos de LCC e LCA acesse o link:

< <https://www.youtube.com/watch?v=d3aTjLdUMLk&feature=youtu.be> > .

Para o caso de desejar assistir uma **videoaula sobre adaptações curriculares**, acesse o link a seguir:

< <https://www.youtube.com/watch?v=-ahfwwaaAyY> > .

Para **visualizar frases em Libras** um canal disponível é o **Master Link Libras**. Acesse no Link:

< <https://www.youtube.com/channel/UCh4UbV2qvYaGdqZs5ya63Bq> >.

A aba de **acessibilidade do IF Baiano** também oferece diversos materiais produzidos no formato bilíngue e oferece disponibilidade para download. Acesse: < <https://www.ifbaiano.edu.br/unidades/bonfim/acessibilidade/> >.

REFERÊNCIAS

ALPENDRE, Elizabeth Vidolin; AZEVEDO, Hilton José Silva. **Concepções sobre surdez e linguagem e a aprendizagem de leitura**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2008.

ARRUDA, Débora Teixeira. **Uso de ambiente virtual de ensino aprendizagem na mediação das práticas pedagógicas inclusivas: contribuições para a língua brasileira de sinais - LIBRAS**. (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Federal do Amazonas. Manaus - AM: UFAM, 2015.

ALFABETO SURDO.COM. **Línguas de sinais no mundo**. Disponível em: <<http://www.alfabetosurdo.com/ptsign/listsignlanguages.asp>> Acesso: em 01 de dez. 2013.

BRASIL. **Decreto 5.626**. Disponível em: <http://r1.ufrj.br/graduacao/arquivos/docs_academico/decreto_5626_libras.pdf> Acesso em: 01 dez. 2013.

_____. **Lei 13.146 de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: Acesso em: 06 mar. 2017.

CAPOVILLA, Fernando C. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 6, n. 1, 2000, p. 99-116.

CASTRO, Alberto Rainha de. **Comunicação por Língua Brasileira de Sinais**. Brasília –DF: Senac Distrito Federal, 2005.

FREITAS, Enos Figueredo de. **Educação de surdos**: uma análise das práticas inclusivas no Território do Piemonte Norte do Itapicuru. REVASF. – Petrolina, PE, vol.3, nº1, p.44-60, ago. 2014.

_____. **Link Libras**: aprenda do básico ao intermediário. - 1. Ed. – Porto Alegre: PLUS/SIMPLÍSSIMO, 2019.

FREITAS, Enos Figueredo de; *Et al.* Estratégias Pedagógicas e comunicacionais para professores de estudantes surdos no ensino médio. In: **Educação no Século XXI** - Volume 49 – Gestão, Inclusão Educacional/Organização: Editora Poisson Belo Horizonte–MG: Poisson, 2019.

GESSER, Audrei. **Libras?: Que língua é essa?** – Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KELMAN, Celeste Azulay; *Et al.* **Surdez e família**: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/3737-Texto%20do%20artigo-6653-1-10-20170925.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2017.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; CAETANO, Juliana Fonseca. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de e SANTOS Lara Ferreira dos. **Tenho um aluno surdo e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Paulo: Edufscar, 2013.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O intérprete de Língua de Sinais (ILS). In: LÓDI, Ana Cláudia Balieiro; MELO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulalia. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos.** – Porto Alegre: Mediação, 2012.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos:** a aquisição da linguagem. - Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua brasileira de sinais, estudos linguísticos.** - Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, Cristiane Seimetz; VALENTE, Flávia. **Aspectos Linguísticos da LIBRAS.** - Curitiba: IESDE, 2011.

SACKS, Oliver. Tradução de Laura Teixeira Motta. **Vendo vozes:** uma viagem ao mundo dos surdos. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem, aspectos e implicações neurolinguísticas.** - São Paulo: Plexus, 2007.

SILVA, Vilmar. **Educação de surdos:** uma releitura da Primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: Estudos surdos I. – Petrópolis – RJ, 2006.